

ARTE, CLASSE E BELEZA NA PONTA DOS PÉS

COM SEU TRABALHO, A BAILARINA PROFISSIONAL E PROFESSORA DE BALLE
CLÁSSICO KARINA REZENDE MUDOU A FORMA DE ENCARAR O BALLE

KARINA REZENDE,
DIRETORA DO BALLET
QUE LEVA SEU NOME





EM NOVA YORK: FATHMA VIGETTA, DIOGO BARBOSA, MANOELA JORGE, JULIA MARTINI, ANA CAROLINA RECHE, KARINA REZENDE, ISABELA RAIZER, REBECA REZENDE, EDUARDA ZANIN, BEATRIZ FERNANDES, ARIANE MANUELLI SILVA



EM NOVA YORK: ARIANE MANUELLI SILVA, FATHMA VIGETTA, BEATRIZ FERNANDES, KARINA REZENDE, REBECA REZENDE, DIOGO BARBOSA, MANOELA JORGE, ANA CAROLINA RECHE

Muitas crianças sonham em se tornar bailarinas. O doce som da música, a leveza dos passos e dos saltos, a performance nos palcos, as desejadas sapatilhas de ponta, acompanhadas também dos calos, bolhas, esforço contínuo, determinação e dedicação fazem parte do mundo do ballet. A rotina de uma bailarina não é nada fácil, mas as conquistas fazem todos os longos ensaios valerem a pena. Algumas crianças entram no mundo da dança já com a convicção de que querem levar a profissão ao longo da vida. A bailarina profissional e professora de Ballet Clássico Karina Rezende foi essa criança. Aos 7 anos começou a fazer aulas de ballet e percebeu que já sentia uma paixão enorme. Aos 12 anos, já era estagiária de uma turma de pequenas bailarinas e, aos 13, já assumiu aulas. "Naque-la época era normal, né? Aos 15 anos eu já tinha várias turmas e tive a certeza que realmente era isso que queria para mim. Eu queria ensinar essa arte que eu amo demais", relata. "Nunca tive um plano B, sempre soube que era isso que queria fazer", ressalta.

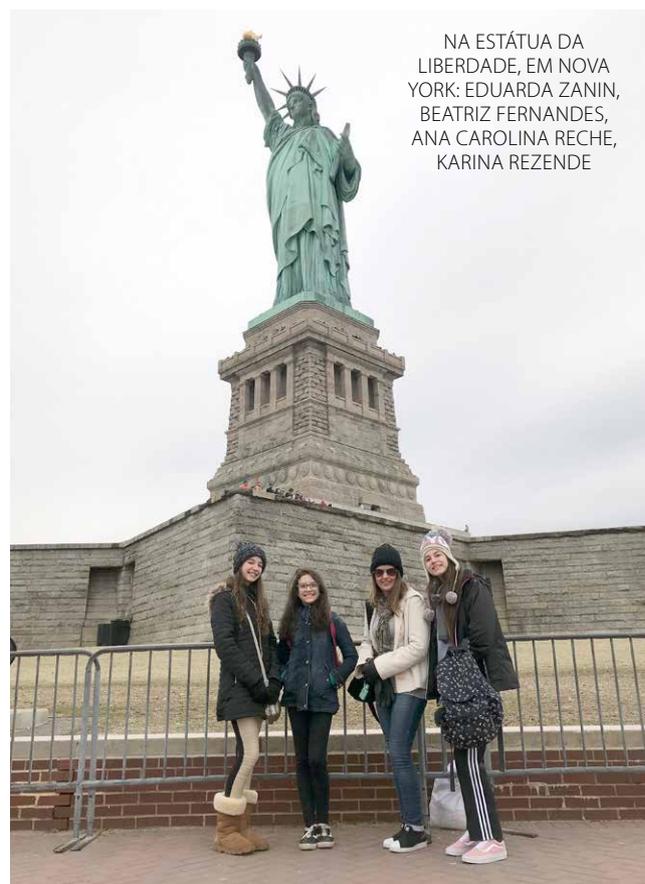
No entanto, Karina queria algo diferente. "Eu tive oportunidade de abrir uma escola aos 22 anos de idade e, depois

outra chance aos 25, mas preferi não abrir porque queria algo especial, algo diferente do que a nossa cidade estava acostumada", conta. Embora os sonhos da bailarina só crescessem com os anos, ela queria oferecer oportunidades que Londrina não tinha. "Eu sempre fui apaixonada pelas competições e sabia que isso alavancava a carreira dos bailarinos. Eu queria dar essa oportunidade, pois ninguém mais estava fazendo esse trabalho na época. Mas antes eu queria me preparar realmente para isso", acrescenta. Karina fez vários cursos e estudou muito sobre o assunto até que se estivesse preparada para abrir a escola que tanto sonhava. Durante esse tempo, continuou dando aulas em outros lugares, mas sempre esperando o momento certo para dar continuidade ao que almejava.

Ela conta que quando estava com 30 anos de idade, em 2009, se sentiu madura o suficiente para desenvolver, finalmente, o trabalho que tanto queria e tanto se preparou para colocar em prática na cidade. "Eu queria poder colocar na visão dos pais dos alunos que o ballet não era aquela coisinha de duas vezes na semana e depois com uma apresentação no final do ano. Eu trouxe uma nova visão,



EU TROUXE UMA NOVA VISÃO, UM NOVO TRABALHO PARA A CIDADE. HOJE, DEPOIS DE 10 ANOS, EU VEJO O RECONHECIMENTO E VEJO QUE NÃO PRECISO MAIS FICAR EXPLICANDO A IMPORTÂNCIA DE ENSAIAR MAIS VEZES NA SEMANA E LEVAR A ARTE A SÉRIO



NA ESTÁTUA DA LIBERDADE, EM NOVA YORK: EDUARDA ZANIN, BEATRIZ FERNANDES, ANA CAROLINA RECHE, KARINA REZENDE

um novo trabalho para a cidade. Hoje, depois de 10 anos, eu vejo o reconhecimento e vejo que não preciso mais ficar explicando a importância de ensaiar mais vezes na semana e levar a arte a sério. Hoje as pessoas já enxergam isso. Fico muito feliz por isso", ressalta. Neste ano, a escola de ballet que leva seu nome completa 10 anos de história. "Eu me surpreendo quando vejo que tenho 10 anos de escola. Tenho a experiência em ensinar, pois ensino desde os 13 anos, mas tem muitas coisas que eu achava que fosse conquistar quando tivesse 20 ou 25 anos de escola e hoje já estou colhendo os frutos com 10 anos. Estou maravilhada e isso me dá motivação para poder continuar a desenvolver trabalhos cada vez melhores", reforça.

A diretora artística diz se surpreender muito com a evolução de seus bailarinos e também com a evolução do profissionalismo deles. Segundo ela, um dos segredos para a evolução dos alunos, foi por ter conseguido manter professores formados dentro da escola com a metodologia dela. "Por isso que deu certo. São alunos formados por mim. Eles sabem como eu quero aplicar o método, sabem onde quero chegar e têm a mesma visão que eu. Eles desenvolvem a mesma linha que eu desenvolvo com as crianças", esclarece. Inclusive, a professora explica que não contrata professores que não foram formados por ela. "Eu já fiz muito isso, mas até eu passar a minha visão e a minha metodologia, dá um trabalho grande. Então, é legal essa parte porque meus

bailarinos que se formam como professores já seguem na linhagem que gosto", valoriza. Karina acrescenta que também já ministrou cursos para diretores e professores de outras escolas e cidades. "Eu percebi que tinham muitas pessoas interessadas e acabei dando cursos para professores por dois anos consecutivos. Vieram pessoas de vários estados. Assim como também já fui convidada para aplicar a metodologia em outras cidades."

Na escola Ballet Karina Rezende existe apenas uma modalidade: Ballet Clássico. "E eu sinto muito orgulho em dizer isso. Eu iniciei a escola com ballet, jazz e sapateado. Depois, acabei acrescentando outras modalidades como Street Dance e outras modalidades contemporâneas. Na época, apareceram muitos professores querendo dar aula na escola e eu fui inserindo". No entanto, Karina percebeu que as demais modalidades não faziam parte da visão da escola e, sem querer, essas modalidades não acompanharam o crescimento que o ballet estava conquistando no decorrer dos anos. "O ballet cresceu demais da conta e começou a triplicar o número de alunos. O nível técnico também começou a crescer demais. Então eu percebi que as outras modalidades não estavam tendo o mesmo crescimento e fui tirando de lá", pontua. Por isso, a escola só trabalha com Ballet Clássico, com exceção dos alunos dos níveis avançados que também têm aula de contemporâneo. No entanto, de acordo com a professora, a modalidade já está embutida



TEATRO SYMPHONY SPACE –
VKIBC, EM NOVA YORK. BEATRIZ
FERNANDES, DIOGO BARBOSA



COMPANHIA INFANTIL: ISABELE RAIZER,
LUIZA BEZERRA, JULIA MARTINI, DIOGO
BARBOSA, BEATRIZ FERNANDES



COMPANHIA JOVEM: FATHIMA VIGETTA, MANOELA
JORGE, EDUARDA ZANIN, ARIANE MANUELLI SILVA,
REBECA REZENDE, ANA CAROLINA RECHE



MANOELA JORGE



NO CENTRAL PARK, EM NOVA YORK: ARIANE MANUELLI SILVA, MANOELA JORGE



ARIANE MANUELLI SILVA



EDUARDA ZANIN



FATHMA VIGETTA



BEATRIZ FERNANDES



NO VKIBC, EM NOVA YORK – COMPANHIA KARINA REZENDE: FATHMA VIGETTA, ANA CAROLINA RECHE, DIOGO BARBOSA, EDUARDA ZANIN, VALENTINA KOZLOVA, MANOELA JORGE, KARINA REZENDE, BEATRIZ FERNANDES, ARIANE MANUELLI, E REBECA REZENDE



ARIANE MANUELLI-SILVA

no programa de aula deles. "Eu trago profissionais para aplicar isso dentro da carga horária dos alunos. É uma aula extra", acrescenta. E você pode estar se perguntando agora: "Com quantos anos pode começar a frequentar aulas de ballet?". "Nós aceitamos alunos a partir dos 2 aninhos de idade. Mas existe toda uma adaptação, pois precisamos que seja algo saudável para esses bebês. Nós recomendamos que sejam feitas duas ou três aulas experimentais para ver se a criança vai se adaptar à escola", afirma. Pensando no cuidado com a adaptação das crianças, Karina explica que aos pequenos bailarinos de 2 a 5 anos, as aulas são 100% lúdicas. "Não tem como aplicar um trabalho profissional para essa idade. Mas é um lúdico que estimula os exercícios do ballet desde cedo. É um lúdico que alonga e molda o corpinho das crianças. Além disso, elas já vão fazendo passos de ballet, que depois serão usados quando forem para o primeiro ano da modalidade", ensina. Depois, com 6 e 7 anos, ela explica que a aula continua com 20% a 30% de trabalho lúdico. "Não podemos acabar totalmente com isso, pois seria um choque muito grande para as crianças. Já o restante da aula é aplicada à preparação para receber a técnica clássica, pois a partir dos 8 anos, elas iniciam no primeiro ano do Ballet Clássico. Neste momento, os bailarinos aprendem 100% da técnica clássica."

A diretora acrescenta que trabalha com uma base da metodologia russa do ballet. "Eu aprendi essa metodologia, mas desenvolvo algo especial aqui dentro da escola. No entanto, não tem como ter 100% da metodologia russa para nossos bailarinos brasileiros porque o físico é diferente. Mas eu tenho meninas de até 20 anos que ainda dançam comigo. Todas preparadas dentro dessa metodologia." Prova de que a metodologia é um sucesso, a escola já contabiliza 357 prêmios desde 2014 quando começou a participar dos festivais. Só em 2019, a escola já conquistou 153 prêmios nacionais e internacionais. "Estou muito feliz com esses números e continuamos crescendo", valoriza. Inclusive, a escola foi selecionada pela quarta vez consecutiva para o VKIBC (Valentina Kozlova International Ballet Competition) em Nova York. Essas seleções são as maiores coisas que aconteceram na minha carreira. "Na primeira vez fomos selecionados com uma bailarina apenas. Era minha bailarina mais avançada da época. Minha melhor bailarina. Lindíssima ela. Foi muito lindo tudo que aconteceu. No ano seguinte, levei outras alunas e, na ocasião, uma delas foi selecionada. Na terceira vez, resolvi levar mais gente. Falei para eles: 'olha, vamos pela experiência! Levei vários alunos solistas e também conjuntos. Foi incrível, pois tive quatro selecionados, sendo dois solos, um dueto e um conjunto. Eu não me aguentava de tanta felicidade. Parecia que eu estava sonhando", relembra.

Mas, no decorrer do tempo, Karina percebeu que era complicado levar conjuntos por causa do dinheiro e da coreografia. "Se uma pessoa não pode ir, acaba ficando um buraco. Resolvi que não vou mais levar. É complicado, pois nem todos têm condições de ir às viagens", explica. A diretora acrescenta que os bailarinos não têm patrocínio na cidade e isso dificulta as viagens para que possam fazer cursos e receber prêmios que já conquistaram. Já na quarta vez, a escola teve cinco solistas selecionados: Beatriz Fernandes Carvalho Ribeiro, 12; Sarah Oliveira Sampaio, 12; Diogo Barbosa Tomitao, 11; Eduarda Zanin Tavares, 14; e Julia Aleixo, 16. De acordo com Rezende, é um festival muito criterioso, que exige técnica, talento e performance. "Os cinco foram escolhidos pela própria Valentina Kozlova, que é uma russa maravilhosa. Ela era bailarina do Bolshoi, na Rússia, e que numa certa época teve que sair e acabou indo para os Estados Unidos. Lá, dançou no New York City e hoje é uma senhora que escolhe talentos para trabalhar com ela", comemora. A escola também teve duas bailarinas selecionadas para o WBC (World Ballet Competition), em Orlando, em 2020: Beatriz Fernandes Carvalho Ribeiro, 12, e Sarah Oliveira Sampaio, 12. Ambas foram selecionadas para Nova York também. Embora a diretora acumule diversas conquistas e alegrias para sua carreira e de seus bailarinos, ela sonha para que tudo aumente cada vez mais e para que seus alunos conquistem o sonho da contratação, como aconteceu com a bailarina Manoela Jorge Soares, de 17 anos. "Acho que esse acontecimento é o topo de tudo que vivi até hoje. Tenho uma aluna contratada. É um sonho que tinha e não sabia quando aconteceria e se aconteceria, pois é quase impossível uma brasileira do interior do Paraná ser contratada por uma companhia internacional. A Manoela foi para Vancouver, no Canadá. E o meu sonho é

que isso aconteça com todos aqui", declara. Além disso, Karina sonha em conquistar prêmios importantes lá fora. "Sonho também para que meus alunos consigam ir fazer os cursos que ganharam fora do Brasil. Tenho uma bailarina que já ganhou quatro cursos, mas ainda não conseguiu viajar. Meu sonho é que nós tenhamos, um dia, patrocinadores que invistam e apoiem nossos alunos que têm um futuro profissional esperando por eles."

E tempo livre? Será que sobra algum? "Vou te falar que nem tenho horinhas livres. Eu vivo para isso. Mas quando acontece eu gosto muito de cuidar e plantar suculentas. Gosto muito de mexer com isso. Gosto de ver as plantinhas crescerem, assim como meus alunos. Adoro vê-las se desenvolvendo", brinca. Karina também conta que adora viajar para a praia nas férias com sua família. A diretora é casada com Helber Rezende há 20 anos e tem uma filha de 16 anos, a Rebeca, que também é formada em ballet. "Ela deixou a competição para se dedicar aos estudos, mas dançou pela última vez na competição em Nova York, em março deste ano, onde também foi selecionada", ressalta. Sobre seu marido e filha a professora afirma que são "superparceiros nesse mundo da dança". "O meu desejo a cada dia é formar bailarinos e bailarinas para eles mesmos, para o palco, para a plateia, para a sala de aula, para grandes festivais, para grandes companhias, para a vida! Mesmo que esse aluno ou aluna venha a seguir um caminho bem diferente da arte, esta pessoa levará para a vida toda uma grandiosa aprendizagem e formação, que lhe servirão em cada passo e cada decisão. Tornando-se mais empenhado, determinado e com muito mais autoestima para suas escolhas. Seguindo carreira profissional ou não, nós formamos talentos para vida! Nós, do Ballet Karina Rezende, queremos fazer parte da sua história!"

